

O DESAFIO DA PREGAÇÃO E ENSINO

Osni Ferreira*

RESUMO

Neste artigo, pretendo apresentar a base para a dedicação ao ensino dos apóstolos. Em Atos 2.42 lemos: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos...”. Identificaremos, a primeira marca de uma igreja transformadora: o ensino e a pregação. Sem a pregação não há como as pessoas ouvirem e responderem ao amor de Deus por meio de Jesus Cristo. O apóstolo Paulo foi claro ao declarar: “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Romanos 10.17). A pregação também deve trazer ensino para as pessoas, sem ela não haverá crescimento da igreja. Esse é um mandamento bíblico e teológico.

Palavras-chave: desafio; pregação; doutrina; ensino; apóstolos.

ABSTRACT

In this article, I intend to present the basis for dedication to the teaching of the apostles. In Acts 2:42 we read: "And they continued steadfastly in the apostles' doctrine...". We will identify the first mark of a transforming church: teaching and preaching. Without preaching there is no way for people to hear and respond to the love of God through Jesus Christ. The apostle Paul was clear when he declared, "So faith comes from hearing, and hearing from the word of Christ" (Romans 10:17). Preaching must also bring teaching to people, without it there will be no church growth. This is a biblical and theological commandment.

36

Keywords: challenge; preaching; doctrine; teaching; apostles.

Para que a Igreja cumpra seu papel no mundo é imprescindível que os pastores e pregadores desempenhem seu ministério eficientemente, de maneira que a pregação da Palavra ocupe o momento mais substancial e importante do culto: “Se todos os ministros considerassem o sermão como um ato de culto, muitos púlpitos ganhariam em dignidade e poder. Aquele que se encontra no púlpito deve ser um embaixador do Deus Altíssimo”¹.

* Doutor em Teologia. Chanceler do Centro Universitário Filadélfia de Londrina/PR. Docente do Colegiado de Teologia da UniFil.

¹ BLACKWOOD, 1981.

Já o teólogo anglicano John Stott recomenda que: “A primeira coisa a ser lembrada é a necessidade urgente e indispensável da unção e do poder de Deus na pregação”. Segundo ele, estamos vendo com tristeza o espetáculo da impotência da Igreja nos dias atuais. Stott ainda comenta que “em muitas denominações mais antigas, ‘históricas’, há pouca evidência de vida ou poder do Espírito Santo”².

Em seu livro “Pregação e Pregadores”, o teólogo galês Martin Lloyd-Jones atribui a falta de crescimento e, conseqüentemente, o declínio da Igreja, ao empobrecimento e desprestígio do púlpito. Lloyd-Jones é incisivo quando destaca a proeminência da igreja e sua missão na terra. Seu papel é distinto e sua tarefa, indispensável e inconfundível: “A Igreja não pode ser enumerada como uma dentre outras organizações. Não está em competição com seitas, não está em competição com outras religiões e nem com quaisquer outras agências políticas, sociais ou de qualquer outra natureza. A Igreja é uma instituição divina e a pregação é uma tarefa que somente ela pode realizar. O fato de a Igreja negligenciar a pregação genuína da Palavra é o fator responsável, em grande medida, pelo estado da sociedade moderna. A Igreja tem procurado pregar a moralidade e a ética sem que o Evangelho seja o alicerce; tem pregado a moralidade sem piedade. Mas isso simplesmente não funciona, não edifica e jamais edificará o corpo de Cristo. O resultado disso é que a Igreja tem negligenciado sua verdadeira missão e tem entregue a humanidade aos seus próprios recursos”³.

37

O escritor e evangelista britânico Leonard Ravenhill compartilhava desta mesma visão, a qual demonstrou em seu pequeno, porém notável e desafiador livro “Por que Tarda o Pleno Avivamento?”, no qual focaliza a unção, a oração, a pregação e o avivamento. Ele também é incisivo ao escrever afirmações como: “A grande tragédia de nossos dias é que existem muitos pregadores sem vida no púlpito, entregando sermões sem vida, a ouvintes sem vida. Que lástima!”, “Uma pregação sem unção mata a alma do ouvinte, em vez de vivificá-la. Se o pregador não estiver ungido, a Palavra não tem vida”; e, “A pregação é uma tarefa espiritual.

² STOTT, 2012.

³ LLOYD-JONES, 2001.

Um sermão gerado na mente só atinge a mente de quem o ouve. Mas gerado no coração, chega ao coração. Um pregador espiritual, sob o poder de Deus, produz mentalidade espiritual em seus ouvintes” e, ainda, “Chega dessa pregação estéril, espiritualmente vazia, que é ineficaz, porque foi gerada num túmulo e não num ventre, e se desenvolveu numa alma sem oração, sem fogo espiritual”⁴. Observamos, portanto, que um grande número de crentes nominais em nossas igrejas é fruto de púlpitos frios, sem unção, sem vida e pouca criatividade.

Curiosamente, essa compreensão não é apenas a de especialistas protestantes, clássicos ou contemporâneos, mas também de outros ramos do cristianismo. Como pode-se perceber nas palavras do teólogo católico brasileiro Rodrigo Santos: “O pregador humilde ora, prepara-se, capacita-se com o material formativo disponível. Prepara-se não para ser mais independente de Deus no exercício do ministério, mas para ser um instrumento mais eficaz”.

O ministro humilde é simples e manso, tem as mãos vazias e, por isso, Deus as pode encher até transbordarem. Mas o altivo e orgulhoso sempre acha que tem muito a dar. Tem as mãos cheias e, ao mesmo tempo, traz a pretensão de servir a Deus às próprias custas. Não há espaço para a graça no exercício do seu ministério. A unção não é um poder mágico que transforma o ungido num semideus ou em um iluminado, a quem todos procuram para ouvir, ao contrário, a unção é uma ação de Deus que atua levando em conta a liberdade do ungido. Alguém poderia ser um ótimo cantor, mas se não abrir a boca e cantar, por onde a unção vai fluir? Outro pode ter o dom da oração e aconselhamento, mas, se não se dispor a fazê-lo, por onde a graça vai atuar? Do mesmo modo o pregador.

Entendemos, assim, que a combinação harmoniosa das características de um pregador, como suas habilidades, seu preparo, caráter e convicção, e a ação do Espírito Santo – primeiro, nele e, depois, por meio dele – podem contribuir para a transformação de vidas, como veremos a seguir.

Mais de um milhão de horas são dedicadas a cada semana, por milhares de pastores evangélicos no preparo de um sermão que será pregado uma vez e ouvido por discípulos, discípulas e outras pessoas, em grandes e pequenos auditórios. Esses

⁴ RAVENHILL, 1989.

números não são verificáveis em todos os países, principalmente quando se trata da frequência aos cultos das igrejas em crescimento. Certamente são sermões bem preparados, sob oração, que fazem diferença na vida daqueles que os ouvem. Afinal de contas, a elaboração do sermão é uma das mais importantes tarefas de um ministro.

Karl Barth, teólogo reformado suíço, considerado por muitos como o maior teólogo protestante do século XX, escreveu que quanto mais tempo passarmos com um sermão, mais ele nos falará e, também, à igreja⁵. Já Richard Baxter, líder puritano inglês, sacerdote e escritor do século dezessete, chamado “o chefe dos protestantes intelectuais da Inglaterra”, deixou aos pregadores uma exortação que permanece pelo curso dos séculos: “... preguem para si mesmos o sermão que têm em mente, antes de pregá-lo aos outros. Quando a sua mente tiver prazer nas coisas celestiais, outros o terão também. Então, as suas orações, os seus louvores e as suas doutrinas terão celestial dulçor para o seu povo. Este perceberá quando vocês passaram bastante tempo com Deus”⁶.

39

A maturação de um sermão – que é muito mais do que gastar horas na preparação de uma pregação, ainda que isso seja fundamental –, pode começar muito antes de um pregador começar a escrevê-lo. Na verdade, para cada minuto que um pregador pretenda passar atrás do púlpito de sua igreja, ele deveria gastar uma hora em preparação. Uma das principais responsabilidades de um pastor é pregar fielmente todo o conselho da Palavra de Deus, explicando cuidadosamente o significado do texto e aplicando-o à vida daqueles que estão sob seus cuidados. Pregadores deveriam considerar a pregação como uma responsabilidade sagrada e dar seu melhor, tanto ao preparar como ao entregar um sermão. Entre os muitos benefícios da preparação antecipada de um sermão, destacaremos dois:

1. A qualidade intelectual do sermão. Um pregador dedicado sempre se esforçará para trazer à tona o real significado da palavra pregada. Para isso, ele pesquisará seu texto, buscará referências – como comentários, dicionários e outros – e lançará mão de ilustrações fortes para fundamentar seus argumentos;

⁵ BARTH, 2003.

⁶ BAXTER, 1989.

2. A qualidade espiritual do sermão. Ouvi alguém dizer certa vez, sobre o cumprimento da missão da igreja sobre a face da terra, que: “Sem nós Deus não quer, e sem Deus nós não podemos”. Aplicando esse pensamento à pregação, afirmo que, por mais que a preparação intelectual de um pregador seja importante, ele não pregará um bom sermão a menos que esteja espiritualmente preparado.

Em seu livro *Pregação*, Timothy Keller, pastor da *Redeemer Presbyterian Church*, de Nova York, escreveu sobre um importante aspecto da elaboração do sermão, que pode ser bom ou ruim, dependendo, em grande parte, dos dons e das habilidades do pregador:

Entender o texto bíblico, extrair dele um esboço e um tema claros, elaborar um argumento convincente, enriquecê-lo com ilustrações tocantes, metáforas e exemplos práticos, analisando de motivações do coração e seus pressupostos culturais e fazendo aplicações específicas à vida real, todas essas coisas exigem um trabalho demorado. Preparar um sermão como esse exige horas de dedicação, e conseguir elaborá-lo e apresentá-lo de forma hábil exige anos de prática⁷.

40

Mas Keller vai além, elevando a questão de um patamar meramente cognitivo para um mais sublime, o espiritual, ao explicar que: “Embora a diferença entre um mau sermão e um bom sermão seja sobretudo responsabilidade do pregador, a diferença entre uma boa pregação e uma pregação *excelente* depende principalmente da ação do Espírito Santo no coração do ouvinte bem como do pregador”⁸. Isso não significa que a possibilidade de Deus usar tanto uma pregação elaborada displicentemente quanto uma preparada cuidadosamente para tocar o coração dos ouvintes seja pretexto para o desleixo e a desatenção para com a maturação do sermão.

Para João Calvino, “O Espírito está unido à palavra, porque, sem a eficácia do Espírito, a pregação do evangelho de nada adiantará, mas permanecerá estéril”⁹. E, também para ele, poder falar em Seu nome é um lindo presente que o próprio Deus concedeu ao ser humano: “Entre tantos dotes preclaros com os quais Deus há

⁷ KELLER, 2017.

⁸ Idem.

⁹ CALVINO, 1996.

exornado o gênero humano, esta prerrogativa é singular: que digna a Si consagrar as bocas e línguas dos homens, para que neles faça ressoar Sua própria voz”¹⁰. Calvino, comentando a expressão *coluna da verdade* que é a igreja, conforme escreveu o apóstolo Paulo a seu filho na fé: “Escrevo-lhe estas coisas, embora espere ir vê-lo em breve; mas, se eu demorar, saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade (1 Timóteo 3.14,15), continua falando da responsabilidade dos pastores: ‘Deus mesmo não desce do céu para nós, nem diariamente nos envia mensageiros angelicais para que publiquem sua verdade, senão que usa as atividades dos pastores, a quem destinou para esse propósito”¹¹. Se para o reformador francês a igreja é a *coluna* da verdade, a *verdade* é aquela que abrange tanto a glória de Deus quanto a salvação do homem, preservada no mundo apenas pelo ministério da Igreja... “Daí, que peso de responsabilidade repousa sobre os pastores, a quem se tem confiado o encargo de um tesouro tão inestimável”¹².

41

Hernandes Dias Lopes escreveu em seu livro “Pregação Expositiva” sobre o processo de preparação do pregador, citando outros autores que reforçam a importância da elaboração do sermão:

É impossível ser um pregador bíblico eficaz sem uma profunda dedicação aos estudos. O pregador deve ser um estudante. John MacArthur diz que um pregador expositivo deve ser um diligente estudante da Escritura, o que João Calvino reforça ao dizer que o pregador precisa ser um erudito. C. H. Spurgeon escreveu que, ‘aquele que cessa de aprender tem cessado de ensinar. Aquele que não semeia nos seus estudos, não irá colher no púlpito’. Todavia, o pregador que estuda sempre terá sermões cheios de verdor para pregar. Charles Koller afirma que, ‘um pregador jamais manterá o interesse do seu povo se ele pregar somente da plenitude do seu coração e do vazio da sua cabeça’¹³.

De acordo com Kennon Callahan, em seu livro *Twelve Keys to an Effective Church* [Doze Chaves para uma Igreja Eficaz], “pregadores que compartilham sermões participativos e dinâmicos têm três coisas em comum. Primeiro, seus sermões são

¹⁰ CALVINO, 2006.

¹¹ CALVINO, 2006.

¹² CALVINO, 2009.

¹³ LOPES, 2008.

fáceis de acompanhar e fazem sentido. Segundo, seus sermões envolvem humor, lutas e o drama do texto bíblico e também da vida contemporânea. Terceiro, seus sermões compartilham algo com a igreja que traz esperança e ajuda em meio à dor, o sofrimento e a injustiça do mundo”¹⁴.

Martin Marty, professor de História da Igreja, notou que nas Igrejas Metodistas que experimentam vitalidade e crescimento, a pregação apresenta um consistente “retorno ao básico”. Numa determinada pesquisa, pastores de igrejas em crescimento foram questionados quanto ao foco teológico de sua pregação e ensino. Suas respostas comprovaram as observações do Prof. Marty: “Creio que basear uma mensagem em passagens bíblicas e ilustrações traz uma força adicional”, respondeu um pastor. “Dedico bastante tempo para estudar a Bíblia, estar com as pessoas, e procuro trazer recursos de fé para ir de encontro às necessidades das pessoas. De forma intencional nos submetemos ao julgamento e à inspiração das Escrituras”, outro respondeu.

Em seu livro *How to Build a Magnetic Church* [Como Plantar uma Igreja Atraente], Herb Miller enfatiza:

Os jovens adultos dizem: ‘É melhor que a pregação seja bíblica, pois não andaremos por aí tentando descobrir se ela é de fato bíblica’. Eles esperam que os sermões tenham um alto percentual de conteúdo baseado na Bíblia. Embora o pregador use poesia, humor, *insights* psicológicos, e citações de ótima literatura, os jovens adultos esperam que o ponto central e a estrutura nasçam de um fundamento bíblico¹⁵.

A igreja de hoje, independente do quanto esteja sintonizada teologicamente, provavelmente não escuta coisa alguma após trinta minutos. Uma regra de ouro é que vinte a trinta minutos seja tempo suficiente para qualquer sermão. Sermões longos apresentam o perigo em potencial de afastar as pessoas da igreja.

George Whitefield, pregador avivalista do século dezoito, disse: “Para pregar mais de meia hora, um homem deveria ser um anjo ou ter anjos como ouvintes”¹⁶. Bons

¹⁴ CALLAHAN, 1998.

¹⁵ MILLER, 1987.

¹⁶ MEAD, 1975.

pregadores percebem que a maioria das pessoas nos bancos consegue prestar atenção apenas por esse tempo.

Uma maneira de fazer sermões memoráveis é usar o princípio que Jesus usou – contar histórias. Jesus continuamente contava histórias sobre bons samaritanos, moedas perdidas e filhos pródigos. Cada história continha a verdade sobre algum aspecto importante para segui-Lo. Jesus ensinou sobre o céu contando a história de uma festa de casamento. Ele ensinou sobre o amor de Deus contando a história sobre uma ovelha perdida. Jesus diariamente usava ilustrações para que seus ensinamentos fossem lembrados. Ele falou sobre moedas, arados, aves, lírios e mansões como ilustrações dos princípios espirituais que ensinava.

Há várias técnicas que um pregador pode usar para aprimorar seu sermão. A primeira é ouvir o áudio do sermão. Para aqueles que são um pouco mais ousados, ter alguém na igreja que faça um vídeo do seu sermão também é uma alternativa. E, então, assistir ao sermão todo. Uma segunda sugestão é fazer uma pesquisa junto à igreja, uma vez por ano, a respeito dos sermões pregados, pedindo às pessoas que enumerem os pontos fortes e fracos das pregações.

Pessoas podem falar alto e com grande emoção sobre qualquer assunto, mas isso não quer dizer que elas estejam falando com autoridade. Por outro lado, parece que alguns dos profetas e apóstolos, às vezes, falavam hesitantemente e sem grande eloquência, no entanto, falavam com inegável autoridade, porque a mensagem que transmitiam vinha de Deus! Por isso, declaravam: “Assim diz o Senhor!”. Na tradução do hebraico bíblico essa declaração significa, literalmente, “oráculo de Javé”.

De acordo com o Manual de Teologia Moody, ela aparece cerca de trezentas e oitenta vezes no Velho Testamento, a maioria delas nos livros dos profetas maiores e menores¹⁷. Nós podemos encontrá-la em referências como: “Disse o Senhor a Moisés: Apresenta-te a Faraó e dize-lhe: assim diz o Senhor, o Deus dos hebreus: Deixa ir o meu povo, para que me sirva” (Êxodo 9.1), “... o Senhor lhes enviou um profeta, que lhes disse: assim diz o Senhor, Deus de Israel: Eu é que vos fiz subir do Egito e vos tirei da casa da servidão” (Juízes 6.8), e “Naqueles dias, Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal; veio ter com ele o profeta Isaías, filho de Amós, e lhe disse: assim

¹⁷ ENNS, 2018.

diz o Senhor: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás” (Isaías 38.1). Ela traz consigo uma carga de grande importância por (1) revelar que o profeta sabia, sem sombra de dúvida, o que Deus queria exatamente que ele fizesse ou falasse em determinada situação; (2) por declarar que Deus era a fonte e a autoridade da sua pregação – que consistia na denúncia do pecado, a proclamação do juízo, a conclamação ao arrependimento e a oferta de perdão; – e (3) por apontar para a finalidade do decreto divino, sempre irreversível e irrefutável. Ao pronunciar “assim diz o Senhor”, os profetas bíblicos não estavam apenas informando em nome de quem estavam falando ou por quem haviam sido enviados, mas determinando algo muito mais profundo, como “Ouça o que o Senhor diz” ou “Aqui está a palavra do Senhor”. Esse é o nível de consciência que todo pregador deveria ter ao abrir a boca no púlpito!

O profeta é aquele que foi chamado e comissionado por Deus, como bem declarou Robert Balgarnie Young Scott, ministro da Igreja Unida do Canadá e estudioso do Antigo Testamento, ao afirmar que: “A certeza de se ter um chamado e investidura divinos era um elemento primordial na consciência profética”¹⁸. Ser a boca de Deus, um instrumento inspirado por Deus, impelia o profeta a revelar ousada e fielmente a Palavra vinda da parte do Senhor. “Portanto, assim diz o Senhor: Se tu te arrependeres, eu te farei voltar e estarás diante de mim; se apartares o precioso do vil, será a minha boca; e eles se tornarão a ti, mas tu não passarás para o lado deles” (Jeremias 15.19). Os profetas eram homens da Palavra de Javé. Suas extraordinárias experiências religiosas não eram apenas emocionais, possuíam uma irresistível compulsão para comunicar a mensagem, convictos de que a haviam recebido de Deus.

Os profetas sempre lutaram contra a injustiça social que ameaçava sufocar o desenvolvimento da vida urbana, por causa das diferenças de classes sociais entre ricos e pobres, rebelião, idolatria, bebedice e tantos outros tipos de pecados. Também lutaram contra a opressão causada pelo poder e riqueza de algumas classes de pessoas. A época dos profetas foi caracterizada, infelizmente, por uma assombrosa degradação moral e social. O clero caiu na pior apostasia, levando consigo todo o povo. Este não mais ouvia as advertências divinas e o castigo da cegueira caiu sobre

¹⁸ SCOTT, 1968.

Israel. Seus corações tornaram-se insensíveis, assim como suas mentes, seus ouvidos e olhos se fecharam para que não pudessem entender e serem salvos, porque Deus lhes cegou o entendimento:

“Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percevais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo. Então, disse eu: até quando, Senhor? Ele respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada, e o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. Mas, se ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída. Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derribados, ainda fica o toco, assim a santa semente é o seu toco (Isaías 6.9-13).

Os profetas também tinham uma visão muito nítida dos acontecimentos imediatos e iminentes. Todas as suas predições se cumpriam. Deus previu outros julgamentos, até o mais terrível, a rejeição do Messias. De acordo com Francis Davidson, em seu Novo Comentário da Bíblia: “Eles eram ‘videntes’ não porque se utilizavam da adivinhação ou ocultismo, mas porque as revelações, as visões que recebiam vinham do próprio Deus. Essas visões provinham exclusivamente de um dom sobrenatural, independentemente da vontade do profeta, pois o objeto dessas visões era revelado por Deus”¹⁹.

Estes homens que receberam uma chamada específica de Yahveh no Antigo Testamento, eram os que transmitiam a palavra diretamente de Deus. Deus é o próprio autor da mensagem que Ele transmitia ao profeta, e este ao povo. O comissionamento recebido diretamente de Deus no sentido profético, não ocorre mais com os pregadores de hoje, que são iluminados pelo Espírito Santo para comunicar a Sua Palavra.

Neste sentido, Charles Hodge, um dos maiores expoentes e defensores do calvinismo histórico nos Estados Unidos durante o século dezenove, afirma que: “Os

¹⁹ DAVIDSON, 1963.

ministros, contudo, não são profetas”²⁰ no mesmo sentido do Antigo Testamento. Uma vez feita a distinção entre o profeta do Velho Testamento e o pregador da Palavra de Deus a partir do Novo Testamento, nosso entendimento se abre com o ensino do apóstolo Paulo, quando ele escreve: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efésios 4.11,12).

O apóstolo Paulo enfatiza que o ministério da pregação deve ser fundamental e necessário para produzir crescimento tanto no pregador como na Igreja. Martin Lloyd-Jones afirma que: “A pregação é a tarefa primordial da Igreja, e, por conseguinte, do ministro da Igreja, que tudo mais é subsidiário a isso”²¹.

Até uma leitura casual do Antigo Testamento confirmará que a proclamação das mensagens dos profetas era acompanhada pela convicção de que Deus havia lhes dado essa mensagem específica e, frequentemente, palavras específicas, para transmitir. João Batista, como aquele que anunciou a vinda do Messias e de seu Reino, falava com tremenda ousadia, franqueza e autoridade. É evidente que as palavras de Jesus eram cheias de autoridade, uma vez que era o Filho de Deus. Frequentemente seus ouvintes ficavam maravilhados por Ele falar com tal autoridade, comparado aos rabinos daqueles dias. Ao vermos a igreja do Novo Testamento emergir, é impressionante que os apóstolos pregavam com o mesmo senso de autoridade e ousadia. O sermão de Pedro no Pentecoste, cheio do poder do Espírito Santo dá o tom, e a partir dali as mensagens dos apóstolos continuavam a ressoar com a certeza de que suas proclamações realmente eram a verdade de Deus. Como afirmou o apóstolo Paulo: “[...] ao receberem de nossa parte a palavra de Deus, vocês a aceitaram não como palavra de homens, mas segundo verdadeiramente é, como palavra de Deus, que atua com eficácia em vocês, os que creem” (1 Tessalonicenses 2.13). Não era questionável que a mensagem dos apóstolos era a mensagem dada por Deus.

²⁰ HODGE, 2001.

²¹ LLOYD-JONES, 2001.

Ao abriremos as Escrituras temos os pronunciamentos dos profetas, as palavras de Jesus e os escritos dos apóstolos, que vinham do “sopro de Deus”. Aqueles a quem Deus chama para pregar podem fazer isso com confiança e autoridade, se sua mensagem está baseada nas Escrituras. O comentarista bíblico Merrill Unger reforça claramente esse ponto: “As Escrituras Sagradas que foram inspiradas por Deus, literalmente pelo ‘sopro de Deus’ (2 Timóteo 3.16), têm uma qualidade poderosa se pregadas por alguém que crê que aquilo que está pregando é verdadeiramente a ‘Palavra de Deus’. A autoridade e o poder, que os oráculos inspirados possuem, são manifestos no ministério de púlpito do fiel expositor da Bíblia. Ele fala e, o fato emocionante é verdadeiro, Deus, ao mesmo tempo, fala por meio dele. Ele está consciente da sua imperfeição, assim a sua tarefa conta com a presença divina. Ele está ciente das suas fraquezas, mas percebe o poder de Deus operando na Palavra que ele prega, que é ‘viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração’” ([Hebreus 4.12](#))²². Em outras palavras, quando um pregador fala como um arauto, ele precisa gritar “a Palavra”. Qualquer coisa inferior não pode ser legitimada como pregação cristã.

Para que a pregação não seja vista como uma atividade meramente humana e pouco transformadora, não se pode depender, fundamentalmente, da eficácia das habilidades naturais ou capacidade do pregador. Bryan Chapell, pastor e teólogo presbiteriano norte-americano, em seu livro “Pregação Cristocêntrica”, diz que: “Não precisamos injetar nossa autoridade na Palavra para torná-la eficaz.

Confiança na autoridade de Deus sobre a vida integral nos outorga a coragem de proferir sua Palavra quando e como seja oportuno fazê-lo”²³. Para que a Palavra exerça o seu papel fundamental e primordial e seu grau de importância, é imperativo e necessário que os pregadores sejam vocacionados, e que apresentem em seus púlpitos sermões bíblicos e que tenham um preparo adequado, tanto espiritual como intelectualmente. Neste sentido, Stott declara que: “O primeiro passo na direção do

²² UNGER, 1955.

²³ CHAPELL, 2002.

revestimento com poder é o humilde reconhecimento de nossa falta de poder”²⁴. Desta forma, a pregação precisa ser considerada verdadeiramente como prioridade na igreja cristã, continuando a ser incomparável e insubstituível, ainda como afirma Stott: “Quando, porém, a Palavra de Deus é exposta na sua plenitude e a igreja começa a ter um vislumbre da glória do Deus vivo, todos se curvam em reverente temor solene e admiração jubilosa diante do seu trono. É a pregação que realiza isso, a proclamação da Palavra de Deus no poder do Espírito Santo. É por isso que a pregação é incomparável e insubstituível”²⁵.

O pregador deve ser vocacionado por Deus para a mais importante tarefa do mundo e, consciente de sua excelente missão, dispor-se nas mãos de Deus buscando a direção do Espírito em todas as áreas de sua vida, pois “a obra da pregação é a mais elevada, a maior e a mais gloriosa vocação para a qual alguém pode ser convocado”²⁶.

Stott também expõe claramente esse ponto: “É um princípio básico da religião cristã que cremos o que cremos não porque os seres humanos o inventaram, mas porque Deus o revelou. Conseqüentemente, há uma autoridade inerente ao cristianismo que não pode ser destruída. Pregadores que compartilham dessa certeza veem a si mesmos como curadores da revelação divina ou, como o apóstolo Paulo expressou, ‘[...] despenseiros dos mistérios de Deus’ (1 Coríntios 4.1), isto é, dos segredos que Ele revelou. Essa convicção não precisa nos levar a um dogmatismo obnoxio, pretensioso, inflexível e arrogante, mas nos capacitará a proclamar o evangelho com confiança, como sendo as boas novas de Deus”²⁷.

A vida do pregador precisa referendar seus sermões. Ele deve viver o que prega, ser exemplo de vida de santidade, amor, oração, jejum, honestidade e ser sacerdote do lar. Para que a pregação readquira o seu papel fundamental e primordial e seu grau de importância, o preparo adequado do pregador é que irá gerar a qualidade bíblica da pregação, sua solidez e integridade. Assim, a pregação transformará a vida da igreja se ela não provir de acontecimentos correntes, ou literatura em voga, não de tendência prevalecentes de um tipo ou de outro, nem de filósofos, políticos, poetas e

²⁴ STOTT, 1989.

²⁵ Idem, 2003.

²⁶ LLOYD-JONES, 2001.

²⁷ STOTT, 1982.

nem mesmo, em último recurso, da própria existência ou reflexão do pregador, mas sim das Escrituras²⁸. Nesse mesmo sentido, Lloyd-Jones disse que: “A pregação é a tarefa primordial da Igreja, está alicerçada desse modo sobre as evidências dadas pelas Escrituras, bem como sobre as evidências confirmatórias e corroborativas da história da Igreja”²⁹. O pregador da Palavra não deve preocupar-se em usar recursos de retórica, exaltação de experiências pessoais, ou apenas conhecimento intelectual, em detrimento da apresentação da Palavra de Deus. O grande pregador batista britânico Charles Spurgeon afirmou: “Se vocês estudarem os originais, consultarem comentários e meditarem profundamente, mas deixarem de clamar vigorosamente ao Espírito de Deus, o estudo apenas não lhes trará proveito”³⁰.

É fundamental que pregadores percebam que sua pregação pode ecoar com poder e autoridade quando tem base sólida nas verdades das Escrituras. Independente da forma que usam, seja tópica, textual ou expositiva, a autoridade do sermão depende da autoridade da Palavra. Se desejam ser confiáveis expositores da Palavra, é imperativo aos pregadores não colocar no texto sua própria teologia, necessidades, opiniões ou compreensão cultural, mas estudar conscientemente, para definir o que o autor humano original quis dizer ou escrever. Como fazer isso?

Nossa análise de uma passagem deve começar com o estudo do contexto da passagem: contexto regional, contexto do livro, contexto canônico e contexto imediato. Walter Kaiser adiciona análise sintática, verbal, teológica e homilética na análise contextual³¹.

Nesse ponto estamos tentando estabelecer respostas para duas perguntas. Primeira, “O que diz o texto?” e, segunda, “O que significa este texto?”. Uma vez respondidas essas duas perguntas, o tema ou ideia central do texto precisa ser apresentado em termos de um tópico, isto é, o que o autor está falando especificamente, quer dizer, o que ele está dizendo sobre o assunto. Para ter autoridade, um sermão exegético ou expositivo precisa transmitir o significado do texto no qual está baseado. Como comentado sabiamente por Donald G. Miller: “Todo

²⁸ KNOX, 1964.

²⁹ Idem, 2001.

³⁰ SPURGEON, 1990.

³¹ KAISER, 1981.

sermão deve ter um tema, e esse tema deve ser o tema da porção das Escrituras na qual o sermão está baseado”³². A exegese deve preceder a aplicação. Apenas após fazer isso, podemos seguir em frente com integridade.

Um aspecto específico, fundamental no processo da exegese, que faz a ponte entre o texto e o sermão, é a descoberta do propósito do texto. Nenhum texto das Escrituras foi escrito apenas pelo simples intento de escrever algo. Tanto os autores humanos quanto o Autor Divino tinham um propósito específico em mente. Nas palavras de Haddon W. Robinson, professor de Homilética por muitos anos do Seminário Teológico Gordon-Conwell: “Nenhum escritor da Bíblia pegou sua caneta para anotar ‘algumas observações apropriadas’ sobre um assunto religioso. Cada autor escreveu para influenciar vidas. Quando Paulo escreveu a Timóteo, ele o fez assim ‘[...] fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade’” (1 Timóteo 3.15)³³.

O pastor e escritor Jay Adams, que há mais de quarenta anos ensina sobre o ministério do aconselhamento pastoral, se refere ao propósito ou *telos* (palavra grega para propósito) de uma passagem bíblica como: “O propósito que o Espírito Santo tinha quando ele ‘moveu’ o escritor a escrever as palavras do texto [...] Não me refiro simplesmente à sua intenção na aplicação limitada a um evento no tempo em que o texto foi escrito, mas a toda e qualquer aplicação válida que ele pretendia fazer de qualquer princípio que pudesse ser generalizado a partir da verdade básica do texto”³⁴.

É importante que o expositor examine cuidadosamente o contexto maior e o mais próximo do texto e estabeleça o propósito específico do texto em questão. Dizer “o” propósito pode ser um pouco limitado, como pode haver propósitos menores ou secundários envolvidos, mas o propósito de um texto deve ser claro. Uma vez que o propósito for estabelecido, pode-se voltar ao sermão com esse propósito em mente. Robinson lida com essa necessidade: “Como um expositor então estabelece o propósito do seu sermão? Ele não o faz descobrindo o propósito por trás do texto que

³² MILLER, 1957.

³³ ROBINSON, 1

³⁴ ADAMS, 1982.

ele está pregando. Como parte de sua exegese ele deve perguntar. ‘Por que o autor escreveu isso? Que efeito ele esperava que o texto tivesse sobre seus leitores?’”.

Uma ressalva é necessária a esse respeito. Uma necessidade não pode gerar uma visão limitada na compreensão do propósito de um texto. Alguns dos escritores bíblicos (especialmente o apóstolo Paulo) tendem a tecer *insights* teológicos nas sessões de ensino prático. Isso não quer dizer que a verdade dessas declarações, às vezes breves, não possa subsistir por si mesma. Essas verdades podem ser pregadas com integridade e autoridade, se forem desenvolvidas com um propósito em mente. No entanto, o propósito do texto mais amplo pode ser bem diferente do propósito das declarações de digressão mais breves. Em todo caso, no processo exegético, o pregador deve esforçar-se para estar ciente do propósito do texto, e então, de forma responsável, se voltar ao sermão com esse propósito em mente. Como Robinson indicou: “Não importa quão brilhante ou bíblico seja um sermão, sem estabelecer o propósito não vale a pena pregá-lo”.

Uma maneira prática como isso pode ser aplicado é anotar o propósito geral do texto no topo das anotações do sermão e, então, após uma análise detalhada das necessidades da igreja, anotar o propósito específico do sermão logo abaixo. O segundo propósito deve basear-se no primeiro. A autoridade do sermão depende da autoridade da Escritura no qual está baseado. Quando o sentido, conceito ou ideia central e o propósito do texto são a base do sermão, o sermão vai ter a autoridade da Palavra de Deus.

A IMPORTÂNCIA DAS CÉLULAS

Creio que as células de estudo bíblico nas casas, quando bem organizadas, são o segredo de uma igreja em crescimento. Por que utilizo o termo células, e não grupos pequenos ou grupos de comunhão? Porque a palavra célula sugere multiplicação, e somente assim, multiplicando-se, a igreja alcançará um maior crescimento.

Jesus utilizou esse modelo com seus discípulos, e a igreja deve segui-lo. O ministério de Jesus nasceu numa época em que a vida social acontecia, em grande parte do tempo, nas casas, e a família era considerada a principal base da sociedade

judaica. Tanto era assim que, nas casas, Jesus: 1. Relacionou-se com as mais diferentes pessoas e suas famílias, como Pedro, Mateus, Zaqueu, Jairo e Simão, o leproso; 2. Curou enfermos, ressuscitou mortos e realizou milagres; 3. Ensinou e partiu o pão. Jesus dedicou seu ministério público de três anos a um grupo pequeno de doze discípulos. Ele confiou àqueles doze o cuidado e o futuro da igreja. Por meio daquele grupo pequeno a igreja cresceu e alcançou o mundo. A casa de Pedro era um lugar onde Jesus, seus discípulos e amigos podiam orar e desfrutar da comunhão que havia entre eles. Era uma espécie de “sala de reuniões” ou “base ministerial” do Mestre. Provavelmente, foi na casa de Pedro que se originou o modelo de igreja desenvolvido por Jesus: a primeira célula-modelo ou célula-piloto do Novo Testamento.

O método de Jesus consistia em enviar discípulos em duplas com o objetivo de alcançar famílias. Em cada família convertida, uma célula era plantada. Estudiosos concordam que as “igrejas nas casas” foram o ponto de partida da igreja de Cristo após a sua ressurreição, o embrião do “partir o pão de casa em casa”, o movimento da Igreja Primitiva depois do Pentecoste.

Robert Logan cita: “A beleza do sistema de células é que, mesmo em uma igreja de mil pessoas, ninguém terá de cuidar de mais do que desse punhado de pessoas [Grupo de oito a doze pessoas, que se multiplicará uma vez por ano]. Mesmo na maior igreja em células, o pastor titular interage diretamente apenas com um punhado de líderes, que por sua vez podem cada um interagir com outro punhado de líderes”³⁵.

Uma célula deve ser um microcosmo do que é a igreja maior. O pastor, professor e escritor William Barclay defende que: “Cada lar deve ser uma igreja num sentido real. Jesus é Senhor da mesa do jantar assim como é Senhor da mesa da Santa Ceia. E sempre será verdade que os que melhor oram juntos, são os que primeiramente oram sozinhos”³⁶.

Nesse sentido as células não são apenas grupos de estudo bíblico nas casas. De acordo com Robert Logan, células saudáveis precisam apresentar as funções descritas em Atos 2.42-47:

³⁵ LOGAN, 1989.

³⁶ BARCLAY, 1984.

Eles se dedicavam ao ensino e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos.

Da mesma forma o apóstolo Paulo cumpriu seu chamado: De casa em casa, plantando igrejas nos lares. Foi em Tessalônica, colônia romana com cerca de duzentos mil habitantes, cidade próspera e atrativa ao comércio, que ele plantou, acompanhado por Silas, a primeira igreja de sua segunda viagem missionária: “Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui” (Atos 17.6). Entre os tessalonicenses havia dois tipos de moradia: As casas maiores, que comportavam de vinte a cem pessoas, chamadas *domus*, e as menores, habitações populares que comportavam de oito a quinze pessoas, chamadas *insulas*. Podemos afirmar que foi uma *insula*, a de Jasom, o local onde o apóstolo iniciou sua primeira célula.

53

De acordo com Rodney Stark, professor de Sociologia e Religiões Comparadas da Universidade de Washington, “durante os séculos I ao III, a igreja foi perseguida e sobreviveu! Não estavam mais nos templos, pois foram expulsos pelos judeus, agora estavam nas casas!”. Stark continua dizendo que “o poder da comunhão desses – pequenos grupos marginais – as células, influenciou o Império Romano a tal ponto que o cristianismo tornou-se a religião oficial do Estado”. O poder da igreja em células é capaz de subverter a ordem social, política e econômica de uma sociedade por meio do evangelho. Neste aspecto, Steve Addison, estudioso dos movimentos de renovação e expansão da fé cristã, afirma: “O evangelho transforma pessoas, e pessoas transformadas transformam o mundo!”.

A REFORMA E O RETORNO DA IGREJA AOS LARES

Martinho Lutero deflagrou, no século dezesseis, uma reforma teológica que transformou a história do Ocidente, quando redescobriu a salvação “somente pela graça mediante a fé” e defendeu as cinco “Solae”: Sola Fide (Somente a fé), Sola

Scriptura (Somente as Escrituras), Solus Christus (Somente Cristo), Sola Gratia (Somente a Graça) e Soli Deo Gloria (Glória somente a Deus).

Ainda no século dezesseis, João Calvino resgatou o conceito da evangelização, pois acreditava que devemos fazer uso total das oportunidades que Deus nos dá para evangelizar. Ele declarou: “Quando uma oportunidade para edificação se apresenta, devemos perceber que uma porta foi aberta para nós pela mão de Deus a fim de que possamos introduzir Cristo naquele lugar e não devemos nos recusar a aceitar o generoso convite que Deus nos faz”.

No século dezessete, Phillip Jacob Spener enfatizou as Escrituras quando promoveu um movimento distinto na história da igreja, o Pietismo, por meio de reuniões nas casas – as *ecclesiolae ecclesiae*, isto é, “igrejas dentro da igreja”. Já no século dezoito, John Wesley enfatizou a vida de santidade por meio dos pequenos grupos. As “classes” de Wesley na realidade não foram outra coisa, senão igrejas nos lares (Células), com reuniões que duravam cerca de uma hora, em que cada pessoa relatava os progressos espirituais que experimentava e muitas conversões aconteciam. Como diz o adágio: “Converta-se o indivíduo e a sociedade se transformará!”. E, por fim, no século vinte, J. Dwight Pentecost, escritor e professor emérito de Exposição Bíblica do Seminário Teológico Dallas, enfatizou a plenitude do Espírito Santo nesse caminhar da igreja.

Sete razões por que a igreja em células é poderosa: 1. O povo de Deus pode exercer o sacerdócio universal de todos os crentes. O ministério está nas mãos do povo; 2. O ministério é exercido nas casas que hospedam uma célula; 3. No ambiente acolhedor da célula o relacionamento entre as pessoas produz vínculos reais; 4. Cada discípulo é cuidado integralmente; 5. Há identificação dos dons com maior facilidade; 6. A vida cristã desenvolve-se sem formalidades ritualísticas; 7. O crescimento é diário, semanal, mensal e anual! Crescimento em todo tempo e sem precedentes!

O sucesso das células nos lares está firmado sobre três pilares: Compromisso com a visão, conexão cultural e relacionamentos contagiantes.

O compromisso com a visão é como o ar que os discípulos e as discípulas respiram, e a razão de existirem. Essa visão é ganhar multidões e cuidar bem delas. Quem tem compromisso com a visão transforma sua casa, sua igreja, seu bairro, sua

cidade e o mundo! O compromisso é com Deus e com o guardião da visão: o pastor titular da igreja. Segundo Steve Addison, é fundamental “ter uma identidade e uma missão clara. Todos os aspectos do movimento da igreja em células devem estar alinhados com o propósito do guardião da visão”.

Quanto à conexão cultural, entendemos que células poderosas são células culturalmente contextualizadas. Células saudáveis alcançarão grupos sociais distintos de maneira eficaz. Células conectadas à cultura ao seu redor são ambientes ideais para que as conversões ocorram.

Quanto aos relacionamentos contagiantes, entendemos que as células se espalham rapidamente por meio de relacionamentos pré-existentes. Redes de relacionamentos são o meio pelo qual as células se expandem.

Logan enumera sete propósitos primários das células nos lares: Ensino (estudar e aplicar a Palavra de Deus), comunhão (desenvolver relacionamentos de apoio e prestação de contas mútuos), adoração (louvar a Deus pelo que Ele é e pelo que Ele fez), oração (ouvir e compartilhar intimamente com Deus; interceder em favor de outros e em favor da obra de Deus no mundo), poder (experimentar o enchimento e derramamento do Espírito Santo), ministério (usar os dons espirituais e amar uns aos outros de forma prática para suprir necessidades) e evangelismo (impactar nossa cidade e compartilhar as boas novas para que as pessoas se tornem discípulas de Cristo).

As células exercem um papel vital para criar uma atmosfera que estimula visitantes a se tornarem rapidamente discípulos ativos na vida da igreja. Lyle Schaller descobriu que: “É menos provável que aqueles que fazem parte de uma célula com relacionamentos próximos se tornem inativos na igreja, e a participação numa célula é mais significativa do que se unir formalmente à igreja. Eles são envolvidos antes de se unirem à igreja”.

Complementando, Flavil Yeakley, que se dedica às estatísticas do crescimento de igrejas, estudou as diferenças entre aqueles que abandonam a igreja e os discípulos ativos da igreja e concluiu em sua dissertação de doutorado: “Quando uma pessoa não tem contatos pessoais significativos com a igreja no processo de sua conversão, é provável que ela não sinta um senso de pertencer significativo com a

igreja após sua conversão e por isso também é muito provável que ela a abandone”³⁷. É sábio criar a expectativa de que todos os discípulos da igreja participem de uma célula durante a semana. Essas células são o lugar onde pessoas são ensinadas, amadas, recebem oração (cadeira do milagre) são encorajadas, desafiadas e prestam contas.

Cada célula definirá o dia e horário da sua reunião, que terá a duração de uma hora e meia, assim constituída: meia hora para estudo bíblico, meia hora para compartilhamento e meia hora para oração. Cada célula deverá iniciar e terminar no horário estipulado. Fica a critério do lar hospedeiro o tipo de refeição que será oferecida na célula, e jamais será servida antes do final da reunião. Quando alcançar quatorze ou quinze pessoas, a célula se multiplicará em duas. Cada célula terá um líder, um líder em treinamento e um anfitrião. A célula se reunirá durante todo o ano. Haverá um intervalo na semana do Natal até o dia do Ano Novo. Quando houver crianças, uma célula será realizada para elas, ao mesmo tempo, sob a coordenação de um adulto treinado para exercer esse papel.

É muito importante selecionar cuidadosamente o material para o estudo bíblico na célula. Gareth Icenogle, professor do Seminário Teológico Fuller, Califórnia, definiu isso muito bem ao sugerir como escolher os temas bíblicos apropriados para as células. Segundo ele, devemos levar em consideração o contexto e os interesses dos discípulos e discípulas da célula. É importante alcançar um consenso em relação às opiniões da célula sobre as escolhas. Devemos evitar material que os discípulos considerem muito familiar, muito longo ou muito difícil. Deve-se levar em conta o conhecimento bíblico e o nível motivacional de cada discípulo para estudar a Bíblia. Nunca devemos presumir que a maioria deles tenha muito conhecimento bíblico.

Gareth Icenogle sugere em suas palestras sobre o estudo bíblico nas células, que usemos uma tradução contemporânea, para promover a unidade e respeitar a diversidade. O líder deve usar uma Bíblia de estudo ou um comentário bíblico para verificar o contexto histórico dos textos, uma concordância, um manual bíblico, um

³⁷ YEAKLEY, 1979.

dicionário bíblico e dicionário da língua portuguesa, pois serão úteis no preparo do estudo³⁸.

Há algumas ferramentas essenciais para um bom estudo bíblico e a escolha de uma boa Bíblia de estudo é fundamental. Em relação à didática do estudo em si, a escritora Oletta Wald³⁹, autora do livro *The Joy of Discovery in Bible Study* [A Alegria da Descoberta no Estudo Bíblico] sugere alguns métodos que destacaremos a seguir, pois poderão ser úteis na escolha do método a ser usado e no sucesso do estudo bíblico.

1. Método Indutivo. Esse método usa ao menos três fases de estudo: observação dos fatos, interpretação do que o escritor quis dizer e aplicação na vida pessoal. Perguntas preparadas conduzem a célula por essas três fases. Vamos supor que estejamos estudando um trecho da carta de Paulo aos filipenses. Por onde começamos? Que passos devemos dar? Vamos dar os passos juntos: Estabeleçamos e nos familiarizemos com o contexto de vida do escritor e de seus leitores originais. Por que o escritor escreveu aos filipenses? Quais eram as questões em pauta? Em que posição do argumento de Paulo se enquadra o nosso parágrafo?

Analisemos o texto. Queremos ser o mais objetivos possível! Deixemos o texto confirmar suas opiniões. Devemos estar cientes das ideias preconcebidas que possamos ter a respeito do texto, para podermos descobrir o que o texto quer dizer, e não o que nós gostaríamos que ele dissesse. Por que Paulo estava tão preocupado com a alegria? Observemos especialmente os verbos. A ação está centrada em quem? Perguntemos ao texto o que ele fala a respeito de Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo, pecado, propósito de vida, paz etc. A seguinte lista de perguntas nos ajudará a descobrir essas questões:

“Quem?”. Devemos enumerar os personagens de cada parágrafo para identificá-los e descobrir as informações que cada parágrafo fornece sobre eles. Então, perguntar: “O quê?”. Anotemos detalhes como acontecimentos, ações e diálogos. Se estivermos estudando uma narrativa, como o Evangelho de Marcos, devemos enumerar os acontecimentos em ordem cronológica. “Onde?” é a pergunta seguinte:

³⁸ ICENOGLE, 1995.

³⁹ WALD, 1975.

Descubramos a posição geográfica da história. “Como?” é a próxima pergunta: Como o enredo se desenvolveu e como os personagens responderam. Finalmente, perguntemos “Por quê?”, para sabermos por que os fatos aconteceram daquela forma. Esforcemo-nos para descobrir os motivos por trás de uma declaração significativa, quando, por exemplo, perguntarmos: “Por que o apóstolo Paulo usa a palavra ‘portanto’ em Romanos 12.1?”.

Segue-se, então, a interpretação. Aqui devemos nos preocupar com o significado do texto. O que o autor realmente quis dizer? Precisamos descobrir seus pensamentos, atitudes e emoções. Na interpretação nós tentaremos responder algumas das questões que o texto coloca e descobrir quais os princípios ensinados nele: Qual o desafio colocado pelo apóstolo?

Aplicação é o passo seguinte. Nosso estudo não estará completo até que apliquemos a verdade do texto à nossa vida. Para sermos transformados pelo estudo bíblico e nos tornarmos mais parecidos com Jesus Cristo, devemos aplicar sua verdade em nossa vida pessoal. Como os *insights* recebidos do Espírito Santo me ajudarão a seguir Jesus como Senhor? Há alguma promessa da qual eu possa me apropriar ou alguma ordem que preciso obedecer? Deus revelou algum pecado em minha vida? Precisamos estar cientes da nossa tendência de sermos genéricos em vez de específicos. O que exatamente cada discípulo deve fazer? Quando? É possível fazê-lo? Devemos decidir o que desejamos fazer, e então, orar ao Senhor, comprometendo-nos com Ele a fazer aquilo que decidimos fazer.

2. Método do Aprofundamento. Neste método cada pessoa lê uma porção selecionada das Escrituras, parafraseia o texto e então permite aos integrantes da célula refletir sobre a explicação feita por cada pessoa.

3. Método Relacional. Este método funciona melhor com parábolas ou outros textos que envolvem pessoas. Trata do relacionamento com Deus, conosco mesmos, com os outros e com o mundo. Primeiro, a célula lê o texto selecionado, depois enumera quais relacionamentos o texto apresenta e com quem são esses relacionamentos, e então aplica-os à sua própria situação.

4. Método de Estudo de um Livro. Este método visa estudar um livro da Bíblia inteiro por um determinado tempo, descobrindo por que o livro foi escrito, o seu tema central e o que isso tem a nos dizer hoje.

5. Método de Estudo de Personagens. É outro método interessante. O propósito é analisar profundamente personagens bíblicos e observar suas personalidades, pontos fortes e fracos. Este método nos ajuda a perceber que os personagens bíblicos não eram diferentes das pessoas de hoje, assim podemos nos identificar com o relacionamento deles com Deus.

Na Igreja Presbiteriana Central de Londrina, as células estudam os sermões pregados nos cultos dominicais de adoração, cujo conteúdo é adaptado para esse fim. Entendemos que o aprendizado de um texto se torna mais eficiente, quando o discípulo já ouviu a exposição do mesmo, por meio do sermão pregado anteriormente. A compreensão e a retenção são facilitadas e o conteúdo bíblico vai entrando na mente e no coração e assim colabora para a edificação da fé e a maturidade espiritual de cada um.

Os dons do Espírito Santo devem ser exercidos para a edificação de todo o corpo de Cristo. Quando isso acontece, o poder de Deus trabalha e nada pode desencorajar a igreja, pois seus discípulos estão abençoando uns aos outros e se fortalecendo mutuamente. A igreja necessita de um bom ensino a respeito dos dons, uma vez que essa doutrina, infelizmente, pode gerar muitos desentendimentos e polêmicas no seio de uma igreja histórica.

No início do sétimo capítulo de sua primeira carta aos coríntios, Paulo aponta áreas específicas que seus destinatários haviam levantado com ele: “Quanto aos assuntos sobre os quais vocês escreveram” (v.1). Paulo escreve sobre casamento e divórcio (7.1^{ss}), sobre virgindade (7.25^{ss}), sobre a comida oferecida aos ídolos (8.1^{ss}) e sobre a coleta da igreja de Jerusalém (16.1^{ss}).

No capítulo doze dessa mesma carta ele levanta a questão dos dons espirituais. Paulo abre a discussão ao citar que o teste da expressão extasiada acontece se tal discurso reconhece o senhorio de Cristo (vv.1-3). E enfatiza que há vários dons (v 4), mas que cada um é dado por Deus para o bem comum (v.5^{ss}). Ele continua, um pouco à maneira de um filósofo estoico, e ilustra e reforça seus pontos recorrendo à analogia

do corpo humano. Ele conclui: “Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo” (v.27). Depois ele retorna à questão dos dons (vv.28-31). O questionamento dos coríntios envolvia *pneumatika* (12.1), “questões espirituais”, e Paulo responde explicando *charismata*, “dons espirituais”. Primeiro ele se identifica com a fonte (vv.4-6). A estrutura triádica desses versículos é óbvia:

“... variedade de dons ... o mesmo Espírito”;

“... variedade de serviços... o mesmo Senhor”;

“... variedade de trabalhos... o mesmo Deus”.

O texto levanta duas outras questões além da origem dos dons e eu me atenho a isso primeiro. Quanto ao significado de *diaireseis*, as principais versões em inglês o traduzem como “variedade”. Por outro lado, a maioria dos comentaristas preferem traduzir como “distribuição” e muitos se referem a 1 Coríntios 12.11: “Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui (*diairoun*) individualmente, a cada um, conforme quer”. Em favor das traduções podemos dizer que as três repetem “[...] variedade [...] mesmo”. Já em “[...] distribuição [...] mesmo [...]” temos a perda de um poderoso contraste.

60

Após o resumo dos versículos 4 a 6, Paulo acrescenta, no versículo 7, uma lista de diferentes dons (vv.8-10). Talvez alguns estudiosos estejam certos em ver os dois significados da palavra nesse texto. Certamente os dois significados estão claramente evidentes em todo o capítulo.

O paralelismo das três proposições nos dá duas descrições para “dons” – “serviço” (*diakoniai*) e “trabalho” (*energemata*). No primeiro caso, Paulo vê os dons como oportunidades para servir à comunidade cristã com o que vem do Senhor. E ele “não veio para ser servido, mas para servir” (Marcos 10.45). No segundo caso, ao chamar os dons como “trabalhos” de Deus que inspira todos eles em cada um, Paulo diz que, quando os dons são exercitados, o poder de Deus trabalha nos cristãos em benefício de outros. Sem esse poder a igreja não será “...a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Efésios 1.23).

Voltando agora à origem dos dons, Paulo diz que não é nenhum outro do que Deus, Pai, Filho, e Espírito Santo “o mesmo Espírito; [...] o mesmo Senhor; [...] o mesmo Deus”. Nessa “notável leitura das fórmulas trinitárias posteriores”, Paulo afirma

que “quando dons são usados por um membro do corpo de Cristo, a Trindade como um todo trabalha por meio de um indivíduo para o bem-estar e bênção de outros”. No capítulo quatorze, Paulo tenta diminuir a supervalorização (por alguns coríntios) do dom de línguas, mas claramente não pode ser considerada uma visão diminuída dos dons como um todo.

Como vimos, Deus é a origem dos dons espirituais, ele inspira todos eles em cada crente. Paulo repete essa questão usando a analogia do corpo. Os membros não escolhem seu próprio dom; sua alocação é prerrogativa de Deus que os “dispõe” (v.18) e os “estrutura” (v.24) de acordo com a sua vontade soberana (v.18, conforme o v.11).

Em segundo lugar, usando a analogia do corpo, Paulo destaca a diversidade dos dons na unidade do corpo: “Assim, há muitos membros, mas um só corpo” (v.20). A analogia com o corpo humano é a maneira de Paulo descrever e justificar a diversidade de atuação dentro da igreja. No entanto, as diferentes funções dentro do corpo não podem ser colocadas em uma ordem de importância. Paulo nos lembra que os membros mais fracos do nosso corpo (como os olhos) são indispensáveis (v.22), e os membros que são menos apresentáveis, nós os vestimos e os tratamos com especial honra (v.23). Da mesma forma, Deus ajustou o corpo de Cristo, a igreja, dando a maior honra à parte menor (v.24). Qual é a razão disso?

Isso nos leva ao terceiro ponto, “a fim de que não haja divisão no corpo” (v.25). Os diferentes membros e órgãos precisam uns dos outros e precisam cuidar uns dos outros (vv.21,25). Então, dentro da igreja os dons devem ser exercitados “para o bem comum” (v.7). Paulo se aprofunda no propósito dos dons no capítulo quatorze. Ali, sem dúvida, para ir ao encontro das questões específicas levantadas pelos coríntios, ele contrasta o dom de línguas e o dom de profecia. Ao avaliar os méritos desses dois dons, ele dá a preferência para a profecia, porque por meio dela toda a igreja é edificada; enquanto alguém que fala em línguas, a não ser que seu dom venha acompanhado pela interpretação de línguas, pode edificar somente a si mesmo (14.2-5).

A edificação da igreja é o meio para avaliar os dons; esse é o critério para a avaliação. Assim Paulo declara: “Quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas [...] para que a igreja seja edificada” (14.5). “Visto que estão ansiosos por terem

dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja” (14.12). “Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em língua ou uma interpretação. Tudo seja feito para a edificação da igreja” (v.26). Como coloca Frederic Bruner, em sua Teologia do Espírito Santo: “Edificação (*oikodome*) se torna o tema desse capítulo (vv.3-5,12). Como o amor é a prática deles (capítulo treze), assim a edificação é o seu alvo (capítulo quatorze). No entendimento de Paulo, o principal critério para um dom do Espírito é a seguinte pergunta: Isso está edificando a igreja?”⁴⁰.

CONCLUSÃO

Finalmente, nos voltamos ao modo como o Espírito Santo opera no corpo. Tomemos emprestada a frase de Bruner para classificar os capítulos doze a quatorze de 1 Coríntios. Seu título geral é “1 Coríntios 12-14: O âmbito do Espírito como o corpo de Cristo”, e intitula os três capítulos como segue:

1 Coríntios 12: A obra do Espírito (*charismata*)

1 Coríntios 13: A prática do Espírito (*agape*)

1 Coríntios 14: O alvo do Espírito (*oikodome*)

Isso é útil ao mostrar a relação entre os três capítulos, e explica a posição do capítulo treze, que alguns, incorretamente, consideram um desvio do assunto no meio da discussão sobre os dons espirituais. Apesar de os dons serem muito importantes, de acordo com Paulo, existe “um caminho ainda mais excelente” (12.31), o caminho do amor.

Os dons são inferiores ao amor de duas maneiras. Primeiro, sem amor os dons não têm valor (13.1-4). Aqui ele se refere especificamente aos dons de línguas, profecia, sabedoria, conhecimento, fé e ajuda. E Paulo afirma que, mesmo tendo esses dons, se não tiver amor, “Eu não sou nada” e “Eu não ganho nada”. Segundo, contrastados pelo amor, os dons são apenas temporários: “O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão” (v.8). Portanto, embora a igreja deva buscar os melhores dons com dedicação (12.31), especialmente a profecia (14.1),

⁴⁰ BRUNER, 1983.

mesmo assim, o caminho ainda mais excelente do amor deve ser perseguido incessantemente (14.1).

Pode ser que estejamos reforçando a analogia do corpo excessivamente, mas como foi dito que os crentes individuais são os diferentes membros e órgãos do corpo, e seus dons são as diversas funções desses membros e órgãos, então o amor representa os tendões e ligamentos que ligam as diferentes partes umas às outras, e o amor de Cristo, por meio da atividade do Espírito, forma a corrente sanguínea do corpo todo.

Pastores não podem ser apenas pregadores. Eles devem ser homens sábios, cheios do Espírito Santo, para guiar a igreja pelo caminho certo. Pastores precisam equipar o rebanho com conhecimento da Palavra, ferramentas e dons espirituais e ter unção, autoridade e poder para pregar e ensinar seu povo para que a igreja cresça, seja transformadora e alcance seu objetivo, e assim cumprir a Grande Comissão deixada por Jesus, conforme Mateus 28.18-20.

63

REFERÊNCIAS

ADAMS, Jay E. **Preaching with Purpose**. Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

BARCLAY, William. **New Testamente Words**. London: Fountain Trust, 1973.

BARTH, Karl. **A proclamação do Evangelho**. São Paulo: Editora Novo Século, 2003.

BAXTER, Richard. **O pastor aprovado**. São Paulo: PES, 1989.

BLACKWOOD, Andrew Watterson. **A Preparação de Sermões**. São Paulo: Aste, 1981.

BRUNER, F.D. **Teologia do Espírito Santo**. São Paulo: Cultura Cristã, 1983.

CALLAHAN, Kennon L. **Effective Church Leadership**. San Francisco: Harper Collins, 1990.

CALVINO, João. **As Institutas**: Edição especial com notas de estudo. 3 vol. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CHAPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

DAVIDSON, Francis. **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1963.

ENNS, Paul. **Manual de Teologia Moody**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2018.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

ICENOGLE, G.W. **Course the Church Ministry Though Small Groups**. Atlanta: Fuller Theological Seminary, 1995.

KAISER, Walter C. Jr. **Toward na Exegetical Theology**. Grand Rapids: Baker Book House, 1981.

KEKKY, William. **Lectures on teh New Testamente Doctrine of the Holy Spirit**. London: H.W.Broom, 1868.

KNOX, John. **À integridade da Pregação**. São Paulo: Aste, 1964.

LLOYD-JONES, Martin. **Pregação e Pregadores**. São José dos Campos: Editora Fiel. 2001.

LOPES, Hernandes Dias. **Atos: A ação do Espírito Santo na vida da Igreja**. São Paulo, Hagnos, 2012.

MILLER, Herb. **How to Buid a Magnetic Church**. Nashville: Abingdon Press, 1987.

RAVENHILL, Leonard. **Por que tarde o pleno avivamento?** Venda Nova: Editora Betânia, 1989.

ROBINSON, Haddon W. **Pregação bíblica**. São Paulo: Shedd Publicações, 1983.

SCOTT, Robert Balgarnie Young. **Os profetas de Israel**. São Paulo: Aste, 1968.

SPURGEON, Charles Haddon. **Lições aos meus alunos**. São Paulo: PES, 1990.

STOTT, John. **A integridade da Pregação**. São Paulo: Aste, 1964.

UNGER, Merrill F. **Principles of Expository Preaching**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1955.

WALD, Oletta. **The Joy of Discovering the Bible**. Minneapolis: Augsburg, 1975.

YEAKEY, Flavil. **Why Churches Grow**. Arvada: Christian Communications, 1979.